

J. BELÉM

---

Musa

Ferina

Santa Maria — Março 1913 — R. G. do Sul

### DO MESMO AUTOR:

Notas falsas, revista de costumes.  
Filhos de Momo       "       "       "  
O Peixão               "       "       "  
Fitas do Centenario       "       "       "  
O gatuno do amor, burleta.  
Regeneração por amor, drama.  
Aerolithos, livro de versos.  
Paginas perdidas »       "       "

### EM PREPARO:

Os Ursos, poemeto.  
O divorcio, comedia.



H. F. Ferina

MUSÀ FERINA

## MUSA FERINA

Vae, livro meu, affronta a canzoada  
Que ha de, ladrando, babujar meu nome,  
Não te assuste de Alguem a face irada,  
Como não penses conseguir renome.

Ante a critica injusta, atoleimada,  
Não permittas que a colera te assome.  
Ri!.. Porque nada mais que uma risada  
Ha que o zoilo imbecil castigue e dome.

Portanto, ó minha Musa, ri, descanta  
Como os bohemios sedentos de prazeres  
Que só se deitam quando o sól levanta.

Dilue, em versos rubros, rubra graça,  
E, si acaso um motejo perceberes,  
*"Non ragonar di lor, ma guarda e passa."*

# A CRISE

Parodia do soneto «*Mal Secreto*»  
de Raymundo Corrêa.

## A CRISE

Si a falta de dinheiro, a detestada  
Crise ninguém aos outros occultasse,  
Tudo o que é falso, tudo o que é pomada  
No rosto dos humanos se estampasse;

Si se pudesse a prata amoedada  
Ver através do cotre que a guardasse,  
Quanta gente de rica intitulada  
Da esmola de dois nickeis precisasse.

Quanta gente, passeando, enchapelada,  
Traz a camisa velha e remendada,  
Que o vestido de seda occulta bem!

Quanta gente, meu Deus! no mundo existe  
Cuja ventura unica consiste  
Em não ter nada, mas fingir que tem!

# Os filhos de Judas



## Os filhos de Judas

— Judas filhos não tem entre a canalha,  
Entre a misera turba envilecida!...  
Aquelle que maneja uma navalha,  
Ou matando ou roubando expõe a vida.

Mas não é um traidor!... E' vida falha  
Para o Bem!... Para Deus — alma perdida.  
Mas nem a sociedade o agasalha,  
Nem a "gente de bem" lhe dá guarida.

— Mas os filhos de Judas onde estão?!...  
Entre a gente de bem?!...

— Duvidas disto?  
Pois vae ali, penetra no salão

Da fina sociedade e não te illudas...  
Certo, não has de te encontrar com Christo...  
Mas não podes deixar de encontrar Judas!...

# ROMETA e JULIEU

## Rometa e Julieu

Era ella uma moçoila — era elle um velho!  
Encontraram-se... e olharam-se ao luar!  
Depois, conforme a regra do Evangelho,  
Fizeram conta de multiplicar.

O Julieu, que, talvez, deante um espelho  
Nunca fôra seu rosto contemplar,  
De ninguém quiz ouvir o bom conselho  
De não levar Rometa p'ra o seu lar.

E a levou!... Que amor puro e santo aquelle!  
Ella, porém, não se deu bem com elle,  
E, uma noite, ao soprar de leve aragem,

Deixando o meigo e pallido Julieu  
Enlaçado nos braços de Morpheu,  
Bateu Rometa a candida plumagem!...

Por gramma e por centimetro

## Rometa e Julieu

Era ella uma moçoila — era elle um velho!  
Encontraram-se... e olharam-se ao luar!  
Depois, conforme a regra do Evangelho,  
Fizeram conta de multiplicar.

O Julieu, que, talvez, deante um espelho  
Nunca fôra seu rosto contemplar,  
De ninguém quiz ouvir o bom conselho  
De não levar Rometa p'ra o seu lar.

E a levou!... Que amor puro e santo aquelle!  
Ella, porém, não se deu bem com elle,  
E, uma noite, ao soprar de leve aragem,

Deixando o meigo e pallido Julieu  
Enlaçado nos braços de Morpheu,  
Bateu Rometa a candida plumagem!...

Por gramma e por centimetro

## Por gramma e por centimetro

E' velho e já de bem puchada idade!...  
Mas não tem este olhar calmo, sombrio  
Dos velhos... Penso até que descobriu  
O segredo da eterna mocidade.

Entretanto, elle è velho na verdade...  
E até velho já era quando ouviu  
O grito que Dom Pedro proferiu  
Nas margens do Ipyranga á Liberdade.

Embora os annos, elle vive ás soltas!...  
Como tem ouro, prodigo o derrama  
Nas mãos das raparigas desenvoltas...

E ellas que o trazem preso, enfeitçado,  
Fazem pagar-lhes caro — o amor por gramma  
E o corpo por centimetro quadrado!

# O ESCRIPTOR

Parodia do soneto «*Cegonha*»  
de Annibal Theophilo.



## O ESCRIPTOR

Em solitario pallido Escriptor,  
Em fundo pensamento mergulhado,  
A mão na penna, á mesa debruçado,  
Quem pôde, sem piedade, os olhos pôr?

Vendo-o, menino, pensas com pavôr  
Que um orelhudo burro mal domado  
Satanaz por pirraça, encommodado,  
Mudou nesse homem livido, sem côr.

Mas eu, que penetrei no petreo, denso  
Abysmo do seu craneo, sem que visse  
Um nadinha de phosphoro uma vez...

Ao vel-o, assim, pendido á mesa, penso  
Ver a estatua de carne da Burrice  
Espantada da propria estupidez.

Si elle fosse o que pensa...

Si elle fosse o que pensa...

Si elle fosse um millesimo somente  
Do que pensa que é, seria tanto  
Que inda assim mesmo causaria espanto  
A grande parte desta boa gente.

E em tal caso devia ter pendente  
Do pescoço uma figa de pau santo  
P'ra evitar maus olhares e quebranto  
Que devia attrahir naturalmente.

Entanto, reduzido o tal sujeito  
A's suas proporções, Sua Excellencia,  
De tanto aplomb e tão geitoso aspecto,

E' um porongo. Mas tem a habilidade  
De se saber encher, com proficiencia,  
Do gaz que elle respira — a fatuidade.

# O JOGO DO BICHO

## O jogo do bicho

Como péste mortífera inclemente  
Que vem de infame e de asqueroso lixo,  
Assolou nossa terra, infelizmente,  
O pernicioso e mau jogo do bicho.

Ninguém foge ou se escapa impunemente  
Das garras de seu mágico capricho,  
Nem a donzella candida innocente  
E talvez... nem a Virgem no seu nicho.

Tudo joga : A creança ingenua e boa,  
O "bello moço", o "cidadão bemquisto"  
E a criada que rouba da patrôa...

Joga o pai, joga a mãe... Que sociedade!...  
Mirem-se nesse espelho e depois disto  
Venham cá me prégar moralidade!...

# O GRANDE HOMEM

## O grande homem

Não era um legalhé filho do povo,  
Era um membro da *élite*, muito embóra  
Fosse dos taes que não comiam ovo  
Para não atirar a casca fóra.

Quando conto esta historia me commovo  
E minha alma sensível quasi chora,  
Pois inda que não seja um caso novo  
E' facto que até hoje se deplora.

Còrta uma perna pôdra o grande homem!  
Ainda em meio das dores que o consomem,  
Pergunta ao bom doutor de face terna:

— Quanto custa o serviço?...

— Só tres contos.

— Que diz?! brada o infeliz, rompendo os pontos  
Por esse preço eu dou-lhe esta outra perna.

# Viação Ferrea do R. G. do Sul

Parodia do soneto «*As pombas*»,  
de Raymundo Corrêa.



## Viação Ferrea do R. G. do Sul

Vão-se o primeiro trem muito apressado,  
Vão-se outro, ainda mais outro, enfim, dezenas  
De trens avançam da Estação apenas  
Dá o agente o signal convencionado.

A' tarde, quando o sol já desmaiado  
Morre, machinas grandes e pequenas  
Comboiando vagões, que cauzam penas,  
Voltam gemendo: tudo esbodegado.

Assim um caixão funebre, tristonho,  
E um rapido trem que as azas solta  
São, afinal de contas, quasi iguaes...

Ambos nos levam p'ra o Paiz do Sonho:  
— Mas quem parte no trem, A'S VEZES volta,  
E quem vão no caixão não volta mais.

# O TRIBUNAÇO

## O TRIBUNAÇO

Sobe á tribuna! Tosse! Olha a assembléa  
Como quem vae falar sobre mysterios...  
Pára um instante, concertando a idéa,  
E abre a torneira, enfim, dos despautérios.

Discursos collossaes de legua e meia  
Vérte capazes de abalar imperios...  
E, emquanto d'elle não se estanca a veia,  
Os ouvintes não podem ficar serios.

E' um monumento! Um raro monumento!  
Que não fende, não tomba, não sossóbra,  
Nem mesmo deante do furor do vento!

Sempre firme, bem firme, não se dobra,  
Compensando-lhe a falta de talento  
A soberba coragem que lhe sóbra.

CASAL FELIZ

## CASAL FELIZ

Elle dependurou-se ao braço della...  
Dependurar-se ao delle ella procura.  
E como andavam já na dependura,  
Tão bem ella o entendeu como elle a ella.

Foi uma esplendida união aquella!  
Nunca a turbou nem sombra de amargura  
Dir-se-ia que o Archanjo da Ventura  
Sobre o casal velava... e que inda véla.

Soh o pallio do amor que os enebria,  
Em lindos sonhos cor de rosa immersos,  
Nenhuma privação os contraria.

Si não tem que comer, nada se come.  
Elle é poeta — lhe recita versos  
Ella é cigarra — canta si tem fome.

A DESHONRA

## A DESHONRA

A gente espantado fica  
Ao ver julgar a deshonra.  
— Quando a esposa prevarica  
O esposo é quem perde a honra.

Da asneira que fructifica  
Outra sae, mais engraçada :  
— Quando o esposo prevarica  
A esposa não perde nada.

PETRONIO



# PETRONIO

Esse moço elegante que tem ares  
De conde de opereta diz que tem  
De gravatas de sêda alguma milhares  
E ricas fatiotas mais de cem.

Botinas estrangeiras — trinta pares...  
E si nem todas do estrangeiro vêm,  
E' que apesar de todos os pezares  
Protege a industria nacional tambem.

E' um petronio moderno, não tem tunica  
Como usava o romano antigamente,  
Mas tem uma casaca preta, unica!...

Bem talhada, finissima, correcta,  
Deu-lh'a o Rei da Beocia, um seu parente,  
De quem descende o moço em linha recta.

# A TUA CARTA

Parodia do soneto - *Ten Leão* -  
de Guimaraes Passos.

## A tua carta

A' tua carta que possuo e guardo  
Dentro da mala, quando a leio penso  
Que hei de um dia indo ter o gosto immenso  
De mandar-te a resposta em papel pardo.

Em cólicas tremendas, porém ardo  
Em procurar alguém de pouco senso  
Que te leve a resposta em que condenso  
Palavras ponteagudas como um dardo.

Porém, ó minha typica panthera,  
Olha cá p'ra o meu lado, e, olhando, espera  
Com essa rude altivez de que blasonas,

Que, em fim, quando tão menos esperares,  
Has de ver minha carta ir pelos ares  
Gorda, estufada, plena de taponas.

O ARAME

## O arame

Que vale ser honesto, si tu és pobre,  
Estupido animal?... Mereces bolo!...  
O essencial é ter cobre, muito cobre.  
Ouviste, ó cabecinha sem miolo?!

Não ter conforto mas dizer "Sou nobre  
De sentimentos". Oh!... Fresco consolo!  
E' melhor que o conforto sempre sóbre  
E falte o sentimento, ó grande tolo!

A sociedade é assim, pouco se importa  
Do sentimento humano discernir,  
Para ella esta cousa é letra morta.

A questão é de arame, esta é a verdade...  
O que é preciso é cobre p'ra entupir  
A consciencia venal da sociedade.

# A lingua da Dona

## A lingua da Dona

Quando a Dona mastiga, é descansada,  
Pois não receia succumbir a mingua,  
Porém sabe que morre envenenada  
Si acaso, a mastigar, morder a lingua.

Córta essa lingua má, lingua afiada,  
Qual córta o bistury dorida ingoa,  
E posto o bistury, junto á damnada,  
Só pelo comprimento é que distingo-a.

Não sei quanto ella mede, porém, creio  
Que a terrivel medida, bem medida,  
Ha de dar, pelo menos, metro e meio.

Dahi ficar-se com a cabeça ôca  
A pensar como lingua tão comprida  
Ella pode esconder dentro da bocca.

**QUE DENTISTA!**



## QUE DENTISTA!

Em certa aldeia, ha annos, existia  
Um dentista notavel no desleixo,  
E que, empunhando o boticão, dizia .  
Ha de sahir... ou lingua, ou dente, ou queixo.

Umas vezes o queixo é que sahia,  
Dando ao caso tristissimo desfecho ;  
Outras vezes a lingua é o que extrahia  
O dentario metalico apetrecho.

Porém nem sempre era infeliz o cliente,  
Si nem queixo nem lingua elle arrancasse,  
Era, na certa, que arrancava um dente.

Embora, alguma vez, na operação,  
O dente que doia não sacasse,  
Mas sacasse o queixal que estava são.

# Como elle, só elle

Parodia do soneto «Anjo enfermo»  
de Affonso Celso.

## Como elle, só elle

Súa, sentado á mesa, o bacharel  
Que não sabe direito e que é juiz!  
Que se faça um ridiculo papel  
Assim, porque, Senhor, o consentis?!...

O' cabuloso ser! ó Pantagruél!  
Si Deus ouvisse o que este Povo diz  
Mudar-te-ia em besta de aluguel  
Do que escapas apenas por um triz.

Como te faz cretino a sorte amarga!...  
E o governo, que é mãe, ouve-te os urros  
Mas não te arranca a teta á bocca larga.

Sim, é mãe, dá a mamar o seio nú,  
Mas si tem tido muitos filhos burros—  
Nunca teve um tão burro como tu.

O melhor negocio

## O melhor negocio

Era dum caiporismo indiscriptivel  
O pobre do Pancrácio ! Trabalhava  
Como um mouro ! E na *chia* mais horrivel,  
Embora trabalhando, sempre andava.

O negocio melhor que imaginava  
No qual devia ter lucro infallivel,  
Era certo que, em meio, esbarrondava  
Deixando o pobre em condição terrivel.

Mas aquelle era um forte ! Audaz, lutou !  
Lutou desesperado, furibundo,  
Té que, afinal, um dia triumphou !

Hoje Pancrácio não se mortifica!...

.....  
O negocio melhor que ha neste mundo  
E' o sujeito casar com mulher rica.

A POLITICA

## A POLITICA

A trahira é um peixinho : não é grosso  
Nem comprido, mas fero e traiçoeiro;  
Quando tem fome e não encontra almoço  
Leva aos dentes a carne do parceiro.

Asssim é a politica ! Um colosso  
De perfidias ! Um monstro verdadeiro  
Que é capaz de engulir com carne e osso  
O seu mais dedicado companheiro.

Desde que se comprehenda necessario,  
Para a "boa harmonia" do partido,  
Sacrificar-se o correligionario,

Lança-o fora o Partido em que lutou,  
Como quem bóta fóra, distrahido,  
A ponta do charuto que fumou.

# A SAIA CURTA



## A SAIA CURTA

Simplicio é partidario apaixonado  
No vestido da moda — a saia curta.  
Quando alguém a condemna, entusiasmado,  
De a defender Simplicio não se furta.

Em vista disto, sua cára esposa  
Mandou curto fazer o seu vestido,  
E obrando assim, não pensa noutra cousa  
Que não seja agradar a seu marido

Mas, que horror! O Simplicio se encommóda!  
Fica mais bravo de que os bravos pôtros!

E' que o Simplicio acha bonita a moda,  
Muito bonita... na mulher dos outros.

# IM DO MEZ

Parodia do soneto *«Sol»* de  
Marcello Oama.

## FIM DO MEZ

— “Anda depressa, ó Mez, porque demoras?  
Vai-te, vai-te, ouve a minha ardente prece”  
Este maldito mez até parece  
Que tem dias de cento e tantas horas.

E' que o patrão que tem libras sonoras  
E o dinheiro em seu bolso sempre cresce,  
Até findar o mez, mudo se esquece  
Que eu não vivo de brisas nem de auroras.

— “Mez chega ao fim!” — E quando o fim já vem  
Os credores me cercam... Fico afflicto  
Por ver que elles me deixam sem vintem.

— Mez, pára um pouco — E o mez sem me escutar  
Vae findando, findando, enquanto eu grito:  
— “Mez! por favor, ó mez, vae devagar”

A REALIDADE

## A REALIDADE

Vive alegre, contente, bem disposta  
A pessoa, como eu que, em seu cantinho,  
Vae comendo o quitute de que gosta,  
Sem se importar com o gosto do visinho.

Tal pessoa entretanto, fica exposta.  
Ao martyrio de infame pelourinho,  
E si não tiver forças não arrosta  
As urzes que lhe espalham no caminho.

Eu arrosto-as... Bohemio satisfeito,  
Rio até quando um puro me atassslha!...  
Pois bem sei que não ha ninguem perfeito.

Todos falham, mas sem que se suspeite  
Todo hypocrita fino esconde a falha  
Como a vacca manhosa esconde o leite.

# ASPIRAÇÃO

## ASPIRAÇÃO

Quem o vir, pela rua empertigado,  
Trajando sempre com apurado gosto,  
Escanhoado muito bem o rosto,  
Com seu lindo bigode bem cuidado,

Compreenderá que o minimo desgosto  
A sua alma não tem inda enlutado,  
E que a estrada da Vida em que ha trilhado  
Teve a polychromia de um Sol-posto.

E assim foi!... Sorte igual nunca se viu!  
Todos seus planos resultaram bem,  
Pois tudo a que aspirava conseguiu.

Hoje nada mais quer!... E' natural!...  
Que a sua aspiração não vae além!  
De corone! da Guarda Nacional.

ALMA ESCURA?



## ALMA ESCURA?

Dizem que os olhos reflectem  
Como o espelho a alma da gente...  
Dest'arte te compromettem  
Querida, horrorosamente.  
Porque si acaso se apura  
Verdadeira a affirmação...  
Olhos negros — alma escura,  
Effeitos da reflexão.

# BRA PERDIDA

Paródia do soneto • *Alma minha  
gentil* - de Camões.

## Libra perdida

Libra minha gentil, que te sumiste  
Tão depressa do bolso descosido,  
Repousa lá por onde te hei perdido  
Que eu sigo a procurar-te avido e triste.

E si lá do logar em que cahiste  
Vês a magua dum peito compungido,  
Não te esqueças do languido gemido  
Que soltei quando vi que me fugiste.

E, como tu deixaste-me a sentir  
Tua falta que dóe como uma chaga,  
Has de agora este appello meu ouvir:

Roga ao Destino mau que me roubou  
Que mil moedas d'ouro elle me traga  
Em troca de uma só que me levou.

A guarda nacional

## A guarda nacional

O' Patria minha, exulta ! O patriotismo  
De teus filhos no mundo é sem igual !  
Isto o demonstra o calido civismo  
Da incomparavel Guarda Nacional.

Chega mesmo ao delirio, ao fanatismo,  
A anciedade febril, descommunal,  
Com que, como um protêsto ao pacifismo  
Ella augmenta de um modo collossal.

E no dia em que a Patria, a perigar,  
O sacrificio ingente dos fiéis  
E intemaratos guardas reclamar...

Não seguirão os bravos, denodados  
Tenentes, capitães e coroneis  
Porque a Guarda... Que horror ! não tem soldados

Instrumento de supplicio

## Instrumento de supplicio

Caro e nobre poeta. Com a indulgencia  
Que me inspiram os pobres aleijados,  
Tive a santa, evangelica paciencia  
De ler os versos teus, de pés quebrados.

Mas penso que a Divina Providencia  
Em conta levará de meus peccados  
Essa rude, terrivel penitencia  
A que foram meus nervos condemnados.

Immortal poetastro das Sandices,  
Da lyra tua os cantos maguados  
Vieram tarde ao mundo. Se existisses

No tempo do horroroso Santo Officio  
Os teus versos seriam proclamados  
Como bons... instrumentos de supplicio.

Romance historico



## Romance historico

A sociedade hypocrita, mesquinha,  
Deslumbrada das libras pelo brilho,  
Cospe o desdém nas faces da velhinha  
E lambe as mãos sacrilegas do filho.

E' que a mãi andrajosa, enrugadinha,  
No seu viver faminto, maltrapilho,  
Esmola, enquanto a Morte se avisinha  
P'ra lhe encurtar o tormentoso trilho

E o filho tem palacios, joias caras...  
Si, na pobre velhinha mette os pés,  
Tem, comtudo, virtudes muito raras!

E' um puro! Em pundonor todo se abrasa!...  
Não jóga, não frequenta os *cabarets*!...  
Nem vae tarde da noite para casa!...

# Pallido e moiro

Parodia do soneto «*Pallida e loira*»  
de *Antonio Feijo*.

## Pallido e moiro

Morreu! Deitado no caixão dormia  
Pallido e secco, de cabelo moiro!  
Mas mesmo morto, um olho inda abria  
Si ao chão tombasse uma moeda de oiro.

Bucho que estoira quando o vento o enchia,  
Ninguem se impressionou com tal estoiro!...  
Com as unhas, enfim, não mais feria,  
Pallido e secco, muito secco e moiro.

Tinha a cor do ciganos vagabundos  
Que, a noite, fazem cama junto aos muros,  
Servindo de lençol trapos immundos.

Satan levou-o num surrão de coiro,  
E nunca mais pode emprestar a juro  
Pallido e secco, muito secco e moiro...

# DEVASTAÇÃO

## Devastação

A fatal, pavorosa Viação,  
Viação não só ferrea, mas ferrenha,  
Entendeu de não mais queimar carvão  
Para só nos seus trens empregar lenha.

Gananciosa, febreanta de ambição,  
Sem que um pulso fortissinio a contenha,  
Na completa, total devastação  
Dos mattos do Rio Grande ella se empenha.

Dia e noite os vorazes monstros d' aço  
A's arvores giganteas dão consumo.  
Devorando-as pedaço por pedaço.

E até que Deus dos ceus protecção mande,  
Elles vão reduzindo a cinza e a fumo  
As soberbas florestas do Rio Grande!

As obras de cavação

## As obras de cavação

Cavadores de uma figa!  
Que o Povo á fava vos mande!  
Vocês, servindo á barriga,  
Fingem servir ao Rio Grande!  
As "obras monumentaes".  
De propaganda do Estado,  
São cavações, nada mais ..  
Que o Povo aguenta calado!

Em fresca litteratura  
De fresco e pallido estylo  
Nessas taes publicações,  
Fallando de agricultura,  
Vocês só pensam naquillo  
Com que se compram melões.

O que mais gabo é a ousadia  
Do sujeito cavador  
Que da noite para o dia  
De burguez passa a escriptor.

OS VILLÕES



## OS VILLÕES

Ha individuos que tratam com rigor  
Com o mais desdenhoso menoscabo  
A todo aquelle infeliz pobre diabo  
Que lhe vai supplicar simples favor.

Com attitudes dramaticas de actor  
Que, na comedia apenas, é nababo,  
Recitam, sem parar, de cabo a rabo  
Os deveres do escravo ao seu senhor.

São assim os villões, esses velhacos  
Que p'ra os fracos são fortes e entretanto  
Em presença dos fortes ficam fracos.

Encurvados, humilimos, serenos,  
Na presença dos grandes baixam tanto  
Quanto sobem na frente dos pequenos.

ORTHOGRAFIA

# ORTHOGRAPHIA

Recebi, minha flor, teu bilhetinho,  
Que agradavel noticia me trazia;  
Recebendo, beijei-o com carinho,  
Como os teus proprios labios beijaria.

Na alvinitencia do papel de linho  
Teu grande, immenso amor se reflectia,  
Porém me encabulava um pouquinho  
A tua extravagante orthographia.

A principio suppuz fosse phonetica,  
E, comquanto me seja ella antypathica,  
Achei-te original, algo de esthetica...

Pareceu-me depois etymologica...  
Concluindo, afinal que, sendo asnatICA,  
E' nova orthographia—a demagogica.

BARBARA

Parodia do soneto «*Rosa*»  
de Zeferino Brasil.

## BARBARA

Barbara é o nome, assim é conhecida.  
Outro nome melhor não lhe cabia...  
Fosse ao tempo dos barbaros nascida  
Nem mais barbara a barbara seria.

Barbara a sua voz que, quando ouvida,  
Lembra o barbaro som da artilharia;  
Barbara na carícia, parecida  
Com as da gata, si a gata acaricia...

Amando, sente barbaros ciumes,  
E' Moêma, afinal, com seus queixumes,  
E, quando odeia, è fertil em maldades.

Para barbara ser completamente  
Não abre a bocca em que lhe falta um dente  
Senão para dizer barbaridades!...

Javeta... de noticias

## Gaveta...de noticias

Jornalista acanhado e sorumbático,  
Nos segredos da escripta muito sceptico,  
E' capaz de estourar qualquer grammatico  
Com um ataque terrivel, apopletico.

Basta só que o infeliz não seja pratico  
Em leitura de estylo ultra-synthetico  
E procure encontrar no todo asnatico  
Algum pedaço que pareça esthetico.

Esse, da imprensa monumento gothico,  
Que tem no petreo cerebro granitico  
Um mundo escuro, apathico, cahótico,

Embora do talento paralytico,  
Olha sempre a gaveta... O nervo óptico  
Funciona como um calculo analytico.

COMO O PAVÃO



## COMO O PAVÃO

E' o pavão ave que sente  
Orgulho de ser bonita,  
Mas, si descuidadamente,  
Em seus pés os olhos fita,  
Fica triste de repente.

E's toda inteira um pavão.  
— Linda, formosa, tu és,  
Mas tão cabulosos são  
Teus enormissimos pés...  
Que um homem perde a illusão

o é de ferro

Parodia do soneto « *Sete de Setembro* » de Felix da Cunha.

## Não é de ferro

— “Silencio! Não espantes o alarife,  
Que a policia já quasi tem na mão” —  
E’ noite! Eis que approxima-se o patife  
E fôrça a fechadura do portão.

Entrou! E não ha cão que te espatife,  
Larapio vil, grandissimo ladrão!  
— “Vem, meu marreco, cá está prompto o bife,  
Decerto advinhaste a occasião!”

— “Recua?! — Fecha a mão e o braço agita...  
Dá um passo... outro mais á retaguarda,  
Olha em torno de si. “Eil-o que grita:

— “Uma óva! O palacio é principesco!...  
Mas lá vejo a policia que me aguarda...  
Não sou de ferro!” — E foi se pondo ao fresco.

origem das fortunas

## A origem das fortunas

A origem das fortunas não se indaga!...

E' fóra da etiqueta  
Saber si o homem que a Fortuna affaga  
Tem na consciencia alguma mancha preta.  
E' rico?!... está acabado,  
Lança-se espesso véu sobre o passado.

Isto porque si fosse decretado  
Pelo Poder Divino Omnipotente,  
Que todo o cidadão apatacado  
Disseste, sem mentir, publicamente  
A origem certa da fortuna sua,

Muita gente  
Nunca mais botaria o pé na rua.  
Perdendo-se talvez, uma metade  
Da flôr da sociedade!...

vinho e a liberdade

## O vinho e a liberdade

A liberdade é assim como o bom vinho:  
Enthusiasma, arrebatada, tonifica.  
E, como aquelle sendo, é comesinho,  
Quando della se abusa, prejudica.

Quem teimoso, com férvido carinho,  
Beija o copo de mais, bebedo fica.  
O liquido, q'ue é bom, faz-se damninho,  
Em vez de dar saúde, mortifica.

Bem como a liberdade. E até veremos  
Que tanto como o vinho ella embriaga,  
Pois que exemplo, na Historia, hoje já temos:

— Em nome dos direitos da Igualdade,  
Depõe a Russia o Czar!... E, após, naufraga  
Num pifão collossal de liberdade!...

VICIOS



## VICIOS

Que tens tu, puritano aguardentado,  
Que eu seja atheu, que não frequente a igreja?...  
Que seja libertino, mau, viciado  
E tudo mais que queres tu que eu seja?

Que me atire a primeira pedra, irado,  
Aquelle que de culpa isento esteja,  
Não tu, que tens o corpo saturado  
De cachaça, de vinho e de cerveja.

Eu bebo apenas agua, agua somente,  
Porem não rézo. E tu, de alma submissa  
Rezas, porém só bebes aguardente.

Eis ahi ! Sem um vicio ninguem passa:  
Eu tenho o vicio — de não ir á missa,  
Tu tens o vicio — de beber cachaça !

O BURGUEZ

## O BURGUEZ

O burguez não causa dó,  
E' rico e, sem que o pareça,  
Não tem estomago só,  
Tem estomago e cabeça.

A vida sua é um recreio,  
Vive em perenne alegria,  
Sempre com o estomago cheio,  
Mas com a cabeça vasia.

Furos no telhado

## Furos no telhado

Não tem, p'ra que digamos, muito geito  
Para escrever; emtanto, gosta immenso  
De publicar artigos a respeito  
De leis, mostrando o seu saber pretenso.

Seria, certamente, um bom sujeito,  
Porém nunca um doutor seria, eu penso,  
Si nas Academias de Direito  
Se exigisse attestado de bom senso.

Não seria siquer matriculado...  
Todos sabem que a culpa não é sua,  
Mas, certo, é que tem furos no telhado.

Faz, comtudo, uma bella figurinha  
Com um chapéu de tres bicos, pela rua,  
Entre os dedos girando a bengalinha.

Orgulho e beleza

## Orgulho e beleza

Porque és formosa, ó candida donzella,  
Não deves ter orgulho de princeza...  
Pode, amanhã, bater-te a varicella  
Ou variola peor... E que surpresa!...

Dá teu orgulho em aguas de barrella,  
E, rolando, á mercê da correnteza,  
Irá elle, humilhado, ó minha bella,  
Chorando o desprestigio da belleza.

Sê modesta, tratavel. Acredita  
Que a modestia, no publico conceito,  
Faz mais bonita uma mulher bonita.

Ao passo que um orgulho futil, vão,  
Faz no mais bello rosto o horrendo effeito  
De olheiras mal pintadas a carvão.

NEGRO



## NEGRO

No exterior tu és negro. A pelle escura  
Diferente te faz da branca gente,  
Mas por dentro és igual á creatura  
De epiderme mais clara, alvinitente.

Não te acabrunhe, pois, a desventura  
De seres preto, e pensa unicamente  
Que tu és feito da mesma massa impura  
De que é feito qualquer de pelle albente!

E embora sendo a carne e os esqueletos  
Feitos da mesma originaria massa,  
Conheço brancos que seriam pretos,

Si, dependendo de um temperamento,  
Não fosse a côr uma questão de raça,  
Mas fosse uma questão de sentimento.



No tribunal do jury

## No tribunal do jury

Esse que ali chega em meio de uma escolta  
E' aquelle sujeito astuto,  
Mas com cara de bruto,  
Que certa vez comprou passagem de ida e volta  
Sem tenção de voltar,  
Assim obrando então  
Somente p'ra enganar  
O agente da Estação.

Em jury vae entrar, não pelo facto  
Acima referido.  
Trata-se agora dum assassinato  
Fria e barbaramente commettido.

Está formado o conselho de sentença.  
Que cara de sabença  
Têm os cinco jurados que ali estão!  
Homens de toda a consideração.

Interrogado o réu, confessa o crime,  
Diz que matou... porque lhe deu vontade!  
E, assim falando, o seu olhar exprime  
A quint'essencia da ferocidade

fensor, um moço de talento,  
a causa perdida no momento,  
com rica e feliz inspiração  
fiziu brilhantíssima oração,  
quando legitima defeza...

ação que não causou surpresa,  
que estando provado o assassinato  
asneira maior negar o facto.

Debates terminados,  
quartinho secreto se metteram  
senhores jurados  
a o caso tão simples decidir.  
que elles resolveram  
e o leitor ouvir:

cumspectos, solemnes, serios, graves!  
fizeram todos quasi que a uma voz:

— "Este marreco já enganou o agente  
dizendo que voltava e não voltou,  
mas si áquelle animal elle enganou  
não engana a homens vivos como nós!...  
Elle diz que matou unicamente  
pela mania de enganar *a gente*!  
Mas quem se engana desta vez é elle  
e nós somos mais expertos do que aquelle!  
Negaremos o facto."

E no fim do ultimo acto

Assim aconteceu.

Quando o juiz, com ar solenne, perguntou :

—“O reu... no dia tal... assim... matou...?”

O jury respondeu :

— “Não” —

E ninguem succumbiu naquella occasião.

# A justiça social